



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de Filosofia

STEVIE DIAS DA CONCEIÇÃO

“STUDIUM SAPIENTIAE”:

O ESTUDO DA SABEDORIA EM SANTO AGOSTINHO

Brasília - DF

2023

STEVIE DIAS DA CONCEIÇÃO

“STUDIUM SAPIENTIAE”:

O ESTUDO DA SABEDORIA EM SANTO AGOSTINHO

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura, sob a orientação do Professor Dr. Marcos Aurélio Fernandes

Brasília - DF

2023

FICHA CATALOGRÁFICA (BCE)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

“STUDIUM SAPIENTIAE”:

O ESTUDO DA SABEDORIA EM SANTO AGOSTINHO

ALUNO: STEVIE DIAS DA CONCEIÇÃO

**Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia, da Universidade de Brasília,
como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.**

Brasília, 16 de fevereiro de 2023.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes

Membro da banca: Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo, e por minha família que foi porto seguro e motivação nesses anos de estudo.

Aos amigos e parentes que de alguma forma contribuíram para a minha formação como pessoa e como docente.

Meu agradecimento especial ao Prof. Marcos Aurélio, pela paciência infinita diante dos desafios que se apresentaram a cada etapa da monografia.

Por fim, agradeço a toda a Universidade de Brasília, em especial ao Departamento de Filosofia no qual fui formado, instruído e com toda paciência ensinado por cada professor que o compõe.

“Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”

(AGOSTINHO, Confissões, p. 21)

RESUMO

O presente trabalho visa traçar o caminho que Santo Agostinho fez para encontrar a sabedoria no percurso do *Studium Sapientiae* dentro de suas obras literárias e nos caminhos que ele encontrou para estabelecer o conceito de sabedoria e a verdadeira essência do ser filósofo. Esse caminho vai desde os traços de sua vida antes até depois da sua conversão ao Cristianismo, tendo com ênfase as influências no seu pensamento filosófico e as diferentes contribuições que os grandes mestres de seu tempo lhe deram. Visa também encontrar o caminho para a Sabedoria no percurso das sete artes liberais que compõem o *Trivium* e o *Quadrivium* que influenciaram e levaram Santo Agostinho a ser um dos maiores filósofos da Antiguidade, na tentativa de estabelecer as características que um filósofo deve ter para poder afirmar que realmente adquiriu a sabedoria, isso se dá com a grande busca de Deus presente nas *Confissões* e nas demais obras de sua autoria, a fim de mostrar com clareza o caminho da Sabedoria que emana do próprio Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Deus; Sabedoria; Artes liberais; Agostinho; Filosofia;

ABSTRACT

The present work aims to trace the path that Saint Augustine took to find wisdom in the course of the *Studium Sapientiae* within his literary works and in the ways that he found to establish the concept of wisdom and the true essence of being a philosopher. This path goes from the traits of his life before to after his conversion to Christianity, emphasizing the influences on his philosophical thought and the different contributions that the great masters of his time gave him. It also aims to find the way to Wisdom in the course of the seven liberal arts that make up the *Trivium* and *Quadrivium*, that influenced and led Saint Augustine to be one of the greatest philosophers of Antiquity, in an attempt to establish the characteristics that a philosopher must have in order to affirm who really acquired wisdom, this happens with the great search for God present in the *Confessions* and in the other works of his authorship, in order to clearly show the path of Wisdom that emanates from God himself.

PALAVRAS-CHAVE: God; Wisdom; Liberal arts; Augustine; Philosophy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A FORMAÇÃO INTELECTUAL, VIDA E ERUDIÇÃO.....	12
2.1. Homem velho <i>versus</i> Homem novo.....	12
2.2. A busca pela verdade.....	15
2.3. A erudição: a sabedoria que alcança seus estudos.....	17
3. CONVERSÃO À FILOSOFIA E ÀS ARTES LIBERAIS.....	20
3.1. As artes liberais como preparação para a Filosofia.....	20
3.2. <i>Trivium e Quadrivium</i>	20
3.2.1. A Gramática.....	22
3.2.2. A disciplina das disciplinas: a Dialética!.....	25
3.2.3. A Retórica.....	26
3.3. <i>O Quadrivium</i>	27
3.3.1. Música, Geometria, Astronomia e Aritmética: o prazer contemplativo.....	27
3.3.2. Geometria: contemplar as linhas que compõem o universo!.....	30
3.3.3. Astronomia: os movimentos do céu.....	30
3.3.4. Aritmética: os números.....	31
3.4. O estudo das artes liberais nos leva à Filosofia.....	32
4. A QUAESTIO DEI E A DOUTA IGNORÂNCIA.....	35
4.1. <i>A Quaestio Dei nas Confissões</i>	35
4.2. A verdadeira sabedoria: amar a Deus.....	37
4.3. A Filosofia Teorética e a Filosofia Prática.....	39
4.4. A Filosofia Natural, Racional e Moral.....	39
4.5. A Sabedoria: fonte de felicidade!.....	41
4.6. A Doutra Ignorância: o Deus que não podemos conhecer por inteiro.....	42

5. CONCLUSÃO.....	45
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Santo Agostinho e sua busca incessante pela Sabedoria e pela Verdade é o objeto central de estudo deste trabalho, não na tentativa de esgotar suas obras e seu pensamento, tarefa praticamente impossível de levar a cabo, mas com o desejo de mostrar em cada aspecto de seus escritos a sabedoria escondida em cada linha, em cada livro e em cada frase.

Faz-se necessário debruçarmo-nos na vida, nos momentos importantes da biografia deste santo doutor de Hipona, para que entendamos alguns aspectos que o influenciaram mais à frente na sua vida adulta. Um desses aspectos é a defesa pela verdade, no bom uso da retórica, que é a mesma ferramenta que Santo Ambrósio usou e que convenceu Agostinho a mudar de vida e abrir sua mente, alma, corpo e espírito para as realidades divinas. Com ênfase no estudo das artes liberais como caminho para se chegar à Filosofia, que em Agostinho será elevada a outro patamar, quando Deus entra em cena como um dos eixos centrais de discussão dentro do arcabouço filosófico de Agostinho a partir de suas *Confissões*.

O caminho do conhecimento é árduo e exige de cada um que deseja ser douto e eloquente um esforço demasiado grande. Ao nos depararmos com o *Studium Sapientiae* nos assustamos com os inúmeros pré-requisitos que Agostinho vai nos apresentar: dominar as artes liberais como um todo, com ênfase na dialética e na retórica, e nos números que chamam nossa atenção.

Percorrendo este caminho de e para a Sabedoria vamos nos deparar com Deus que agora não é mais uma realidade separada da Filosofia, mas, que integra, dá forças e ímpeto interior aos questionamentos e aos pensamentos de Agostinho durante toda sua vida e que perpassa todas as suas obras.

Deus, a Filosofia, as artes liberais, a vida de Agostinho, são os integrantes principais deste *Studium Sapientiae*.

2. A FORMAÇÃO INTELECTUAL, VIDA E ERUDIÇÃO.

Neste primeiro capítulo nos empenhemos em traçar o caminho de conversão de vida de Agostinho, mas, tendo em vista o seu percurso de busca pela sabedoria e pela verdade, dentro dos detalhes de sua própria história. Além disso nos debruçamos sobre os aspectos da sua formação intelectual, seus questionamentos, mudanças de pensamento e sua busca pelos estudos.

2.1. Homem velho *versus* Homem novo

Por mais conhecido que seja, é sempre importante apresentar um pouco a vida de um filósofo antes de abordar os temas principais de suas obras. Com Santo Agostinho não seria diferente. É até uma tarefa complicada não se perder em meio ao deslumbramento com tantos atributos da vida e obra dele.

Aurélio Agostinho nasceu em Tagaste, atual Argélia, ficou mais conhecido como o “Bispo de Hipona”. Seu pai se chamava Patrício Aurélio e só mais tarde foi batizado; sua mãe, Mônica, hoje conhecida como Santa Mônica mulher muito religiosa, dotada de muita piedade, trabalhou pela conversão de seu filho por mais de 30 anos, pois era dado aos prazeres mundanos e carnavais. E essa foi a maior luta de sua vida: largar a vida devassa para buscar uma vida mais santa e honesta como tanto sonhava sua mãe.

É importante lembrarmos da origem de Agostinho, enquanto muitos santos e doutores vieram da Europa, ele provinha da África e não negava nem deixava que zombassem de suas origens, como bem destaca Giovanni Papini (1881-1956):

Certo dia em que se escarnecia perto dele da forma bárbara de certos vocábulos indígenas, Agostinho assumiu a defesa do idioma de seus pais, dizendo que um africano, dirigindo-se a outros africanos, não deveria envergonhar-se de sua língua, bem como de seu torrão natal. (PAPINI, 1937, p. 10).

Aquilo que Agostinho viu, viveu e experimentou em sua terra natal com certeza deve ser levado em conta, pois tudo isso permeia sua vida além de o formar e ensinar a ser quem ele se tornou. Como bem afirma Giovanni Papini, no seu livro *A Vida de Santo Agostinho* (1937), tanto o pai de Agostinho como ele eram homens dados à devassidão e à luxúria. Já sua mãe, Mônica, tinha um espírito de sabedoria, humildade, e piedade muito aflorados. Era uma luta dentro de Agostinho: ser como o pai, ou ser como sua piedosa mãe. Dos dezesseis aos trinta e dois anos

ele se deixou seduzir pelas coisas mundanas e pela libertinagem. A grande Mônica foi quem muito se mortificou para que seu filho mudasse e não fosse como o pai (PAPINI, 1937, p. 20).

A curiosidade e o espírito questionador de Agostinho foram as grandes chaves para sua mudança total, tanto de comportamento, como intelectual.

Agostinho tinha outros irmãos, mas, recebeu mais atenção pois desde cedo era muito intelectual. O grande desejo de seu pai era que ele se tornasse um grande retórico. Ele foi influenciado por muitos de seu tempo.

Muitos retratos e ícones desenharam Agostinho com uma pena na mão. A pena era o grande instrumento de seu tempo. Não era como hoje que vemos pessoas se defenderem ou defenderem sua tese por meio de aparelhos telefônicos. Tudo se resolvia por meio da pena, escrever era a grande arte de seu tempo, muitos hereges foram combatidos pela pena. Os dialéticos usavam muito a pena para escrever seus livros. Diante da grande obra que Agostinho escreveu é surpreendente saber que ele pensou em tantas teses, o que só foi possível por causa do auxílio daqueles que tomavam nota do que ele dizia.

Aos 17 anos ele foi estudar retórica em Cartago na África e ali descobriu a Filosofia; foi em Cartago no ano 371 que ele se ligou a uma mulher da qual nasceu seu filho Adeodato, que morreu muito jovem.

Foi lendo a obra "*Hortensius*" de Cícero, em 373, que ele despertou seu desejo pela Filosofia, uma obra que tinha como cerne a busca da sabedoria. Sua vida se passa após as grandes perseguições doutrinárias: Arianismo, Pelagianismo, Maniqueísmo. Ele acabou por se aliar ao Maniqueísmo apenas como ouvinte. O Maniqueísmo defendia que o mundo é controlado por um dualismo em que o bem e o mal vivem a governar este como uma disputa. Agostinho começou a pôr em dúvida as teorias maniqueístas, achando-as cada vez menos convincentes, ele praticamente começou a tender ao ceticismo, não um ceticismo qualquer, mas, uma espécie de ceticismo acadêmico, que não nega a verdade, porém questiona a capacidade do homem de conhecer a verdade em plenitude. Isso também ocorre com o seu contato com o neoplatonismo, a releitura que Plotino trazia à época de que havia uma divisão entre mundo sensível e mundo inteligível, claro que influenciado pelo pensamento platônico. Bebendo desta influência Agostinho postulou dentro da sua linha de pensamento a divisão entre Reino dos homens e Reino dos Céus, e que por meio de um processo de conversão sincera o homem seria capaz de chegar aos mais altos níveis da revelação divina. Por volta de 374-375 ele terminou os estudos, retornou para casa como retórico, mas, sua mãe muito religiosa não aceitou seu filho que naquele momento era considerado um herege.

Recorrendo às homilias de Santo Ambrósio, que na época era Bispo, compreendeu que Deus não é corpóreo como defendiam os maniqueus, pois Deus sendo o Sumo bem seria incapaz de criar ou fazer o mal, e entendeu que Ele é puro espírito.

Um episódio interessante aconteceu em 383, quando Agostinho foi a Roma o maniqueísmo já havia sido abolido e inclusive seus adeptos eram punidos de morte. Todavia, mesmo com as proibições ainda havia uns poucos infiltrados, até mesmo na igreja, e num momento peculiar ele se hospedou na casa de um deles nesse mesmo ano, e lá ficou doente por um bom tempo. Enquanto isso sua mãe intercedia por sua saúde e conversão. Ao se mudar para Roma com sua mãe e seu filho, assumiu a cadeira de mestre de retórica em Milão, lá também conheceu Santo Ambrósio e se deixou convencer por suas homilias tão bem estruturadas teológica e filosoficamente.

Agostinho por ter muita instrução era bastante exigente, e considerava as Sagradas Escrituras muito pobre de estilo, e era por ele desprezada até que teve contato com as homilias de Santo Ambrósio, que foram o grande marco da sua conversão.

Agostinho ainda tinha muitas dúvidas, mas teve acesso aos relatos e escritos sobre a conversão de grandes homens como Santo Antão (Eremita, um dos padres do deserto), e de outros monges que o deixaram comovido interiormente. E não podia deixar de falar de Mário Vitorino.

Em Milão ele teve uma grande crise existencial, quando então se aproximou novamente da fé cristã, conheceu Ambrósio e suas dúvidas sobre as escrituras e principalmente o Antigo Testamento se dissiparam. Devido a uma vida atarefada, Ambrósio não podia responder-lhe a tudo; nesse sentido o sacerdote Simpliciano foi quem o acompanhou. Simpliciano logo depois seria sucessor de Ambrósio.

Agostinho leu alguns escritos neoplatônicos que foram traduzidos do grego para o latim por Mário Vitorino, que já na velhice se convertera ao Cristianismo. Vitorino foi um dos mais respeitados e notáveis retóricos romanos e era muito importante para Agostinho. Sua conversão aconteceu, mas demorou para ser pública devido à sua grande influência e popularidade.

Depois de sua conversão anunciada e do seu batismo, a notícia se espalhou e ele foi obrigado a fechar sua escola por causa dos seus perseguidores, assim se dedicou totalmente a fé. Simpliciano contava isso a Agostinho, o que o motivou a buscar ainda mais a prática cristã.

Em 386 teve contato com as obras de Plotino que lhe deu a graça de compreender Deus como ser espiritual e que o mal não é algo criado por Deus, ou contra Deus, mas, que é a privação do bem:

Se há o mal, ontologicamente ele vem de uma privação do bem; eticamente ele vem das livres escolhas das criaturas racionais, à medida que invertem a ordem hierárquica dos bens, valorizando mais o que tem menos dignidade e valorizando menos o que tem mais dignidade. Por isso é que o homem precisa retornar para Deus, galgando os níveis da purificação, da iluminação e da perfeição. (FERNANDES, 2021, p. 93 – não publicado).

O contato também com as cartas paulinas muda sua visão de que não é por esforço intelectual que o homem se une a Deus, mas por meio da graça.

Santo Agostinho já era um homem muito inteligente e estudioso, muito conhecido por todos de seu tempo, porém, após sua conversão vê-se a ascensão de um grande filósofo e teólogo, mas, também, de um cristão católico de muita fibra e muita precisão no que escreve. A sua busca incessante pela verdade, pela sabedoria, por Deus, era a grande fonte inspiradora dessas páginas.

Agostinho escreveu inúmeros livros filosóficos, teológicos e sobre diversos assuntos. Além de “*A cidade de Deus*” Agostinho também escreveu o livro *Confissões* em que ele revela os questionamentos e os sofrimentos de uma alma que buscou sua felicidade fora, em outras coisas senão em Deus, vemos com toda a clareza uma alma ardente de amor, e de um grande arrependimento de sua vida passada.

De Magistro, mais conhecido como “*O Mestre*”, abordando o tema da linguagem, mas também do papel do Mestre interior que existe em nós. Destaca-se ao mesmo tempo pelo fato de ser um diálogo entre ele e seu filho Adeodato.

Textos como *A Grandeza da Alma*, *Contra os Acadêmicos*, *A Cidade de Deus* em vinte e dois livros, e muitos outros foram escritos por ele, que foi sendo formado pela Sabedoria divina; pelo zelo e pelo seu cuidado filosófico de especulação; pelo seu autêntico questionamento sobre si mesmo e sobre as verdades que o mundo na sua época defendia. Agostinho era audacioso em defender sempre a verdade.

2.2. A busca pela verdade.

A busca pela verdade, essa era a grande sede de Agostinho, procurou muito até se cansar, e pensou em desistir, mas se submeteu humildemente e percebeu que a fé é o caminho para a verdade. Agostinho descobriu pela fé a sabedoria encarnada que é o Cristo a quem ele seria fiel até o fim de sua vida. A partir dessa experiência cresceu nele o desejo e a paixão pelos estudos, ou seja, pela descoberta da sabedoria. A Filosofia se tornou um meio autêntico para buscar mais

a Deus, a verdade e o Logos. Ele levava essa tarefa muito a sério, isso é fácil de constatar bastarmos suas obras.

Agostinho leu sua vida por meio das escrituras, e fez isso com seus sucessores, por meio da revelação da fé. Agostinho e as escrituras se unem numa só vida, ele transformou sua vida não só pela leitura dos livros sagrados, mas porque ele fez a sua vida uma só com as escrituras, de forma mais objetiva, ele encarnou o texto na sua própria história, e foi o que fez com que ele descobrisse a si mesmo, além do fato de que seu passado sempre batia à porta e o fazia lembrar de quem ele era. O processo de autoconhecimento também foi grande arma de crescimento intelectual.

Ele encontrou em Deus a experiência da revelação da sabedoria que já existia em si, e que por intermédio de sua vida foi sendo revelada por Deus e pelas escrituras; Agostinho demorou a encontrar esta sabedoria.

Ele fez um esforço para não se perder nas interpretações das Escrituras, ele colocou em exercício a fé e a razão juntas, um justo equilíbrio que geraria sabedoria. Isso seria pensar em Deus à luz da razão, amparado também pela fé. O sentido da vida humana é questionado e buscado por ele, até porque como compreender o sentido da vida sem compreender a si mesmo? Esse era um dos grandes desafios de Agostinho, lutar para não voltar a ser aquele homem que vivia na libertinagem, era uma batalha intensa. Olhar para dentro de si e perceber que sem a graça de Deus ele seria capaz de fazer coisas muito piores. Uma prova dessa luta é o momento conhecido por muitos em que ele exclama: “Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! (AGOSTINHO, 1997. p. 179)”. Mal sabia ele que Deus se encontrava dentro dele todo esse tempo, procurava a verdade em todo lugar, mas não a encontrava. Sua resposta achou em Deus, sabedoria plena e verdadeira, que será daí em diante o “fôlego” de todas suas obras, e de toda a sua vida.

“Por isso, ao lermos as *Confissões* o mais importante, o decisivo é escutar nas ressonâncias das palavras do discurso a pregnância do silêncio” (FERNANDES, 2019, p. 64). Há um pouco de mistério escondido nas linhas do discurso de Agostinho, por mais aberto que seja seu coração, há uma verdade que não se revela de forma tão evidente, mas que incorpora a sabedoria das palavras de Agostinho.

As *Confissões* é como um hino de louvor do encontro entre o miserável e a Misericórdia, aquele que exulta por finalmente encontrar a liberdade, a felicidade e a verdade. Agostinho em suas palavras faz a confissão diante de Deus, e desce cada vez mais fundo na descoberta sobre

si mesmo. Nesse caminho de autoconhecimento e de mudança radical de direção, ele já não era mais um menino, um adolescente e sim um homem em formação.

“Mas, a doura ignorância da Confissão desfaz esta ilusão: mostra que não é o homem a possuir a verdade, mas, a verdade a possuir o homem” (FERNANDES, 2019, p.75); Esse é o processo vivido por Agostinho de um mísero nada que é o homem sendo mergulhado, imerso na verdade. A verdade se revela ao homem de forma tão profunda e repentina que o fez redescobrir ela sobre si, uma sabedoria, de encontrar na sua vida o sentido da existência, uma verdade que dá ao homem a graça de auto revelar-se e auto conhecer-se.

No coração de todo homem existe um desejo profundo e sincero pela felicidade, claro que com Agostinho não era diferente: procurou por muito tempo na devassidão, nos vícios, aquilo que seu coração desejava, mas isso nunca o saciou, porque deixava nele uma sensação de vazio, como é comum a todos nós. Desejamos ter muitas coisas, achando que isso nos fará felizes, ter tudo o que quer não significa ser feliz: “Por outro lado, amar o que se pode perder é viver num temor perpétuo incompatível com a verdadeira felicidade” (GILSON, 2006, p.19). A sede de felicidade que temos é insaciável, e quando se trata de bens terrenos nunca nos será suficiente, Deus, porém, é eterno, seu amor é eterno e sacia a todo tempo nossa sede de felicidade, foi esta felicidade que Agostinho encontrou e o fez ser outro homem. Desvencilhando-se daquilo que não traz paz e que só gera inquietude de espírito.

A verdade é o caminho que Agostinho encontrou para chegar à sabedoria, à plenitude. Primeiro a verdade sobre a própria existência, seguida da verdade suprema que é o próprio Deus, que revela ao homem quem Ele é, que se deixa perscrutar cada vez mais na medida em que o homem O busca.

O primeiro passo evidente na vida intelectual de Agostinho foi a busca. Podemos perceber, em tudo que ele fazia, um anseio por descobrir a verdade das coisas.

2.3. A erudição: a sabedoria que alcança seus estudos

O grande momento da primeira conversão de Agostinho foi ao ler a obra *Hortensius* de Cícero, que lhe deu a perspicácia filosófica e intelectual para retornar ao Cristianismo. Ele passou a se interessar ainda mais pelos estudos, nesse tempo ele já estudava em Cartago, após a morte de seu pai, fora cuidado por um amigo que “bancava” seus estudos.

“Agostinho acreditava até então, como Hortensio, que a perfeição na arte da palavra era o mais elevado fim que um homem inteligente se pudesse propor” (PAPINI, 1937, p.40). Vemos,

segundo o relato de Papini a admiração e o grande valor que Agostinho dava à erudição, ao uso das palavras, com isso supomos a Filosofia, a Retórica, e muitas outras artes. Podemos perceber também o crescimento do seu desejo pela busca da sabedoria de formas mais criteriosas e cuidadosas.

No seu caminho rumo à sabedoria Agostinho foi percebendo que o conhecimento de Deus também seria uma via para a sabedoria. Daí em diante começou a sua jornada no estudo das Sagradas Escrituras. Aquele velho Agostinho já tinha os seus dias contados.

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14,6), estas são as palavras de Jesus, que se revela como Filho de Deus nas Escrituras. Essa frase ressoou no coração de Agostinho e o levou a contemplar o caminho de Deus que o conduziu a uma nova mentalidade. Ou seja, um homem que buscou por tantos anos a felicidade no sexo, nas farras, nos prazeres, iria largar tudo isso por algo que não o preenchesse? Que felicidade é essa que ele encontrou? Que Verdade é essa? Quem é essa fonte da sabedoria que deixou um homem, um grande mestre e estudioso de “pernas bambas”? Como ele mesmo vai deixar isso claro, a resposta era “Deus”.

Papini bem exemplifica isso quando relata o contato de Agostinho com a obra de Cícero: “Mas ele, sobretudo, aí encontrava a visão da bem-aventurança prometida aos que vivessem de acordo com a sabedoria, e a ideia, também, de que o conhecimento da verdade equivale ao conhecimento de Deus e que a felicidade só consiste neste conhecimento” (PAPINI, 1937, p. 41-42). Nesta obra ele vê sendo arrancada todas as máscaras que carregava em sua vida, mas principalmente intelectualmente. Deus agora se apresentava a ele como fonte de Sabedoria e Felicidade, e isso mudaria tudo.

Uma Palavra pobre de estilo, que na sua visão não era como os grandes livros da época, essa Escritura fora proclamada e pregada pelo Bispo Santo Ambrósio, e foi capaz de revelar algo às profundezas do seu coração, mas também ao seu intelecto. A partir daí um homem de palavras ardentes e fervorosas nasceu, especialmente no espírito das Confissões, percebemos sua paixão ao escrever os relatos mais difíceis de sua vida, com uma força que brotava do mais íntimo. Era o relato de um homem que encontrou dentro de si aquela Sabedoria que tanto buscava.

Os estudos desde sempre foram a sua paixão, viajou muito para poder estudar e para aprender nas fontes de grandes homens de seu tempo a ser um verdadeiro filósofo, teólogo e doutor.

Após o seu contato com os escritos de Cícero, ele despertou também o seu gosto pela Filosofia, Étienne Gilson (1884 - 1978) deixa isso bem claro na sua obra de *Introdução ao estudo de Santo Agostinho* o quanto isso influenciou o seu pensamento: “Desde então, ele não deixou de ser consumido por um ardente amor pela sabedoria e, a partir de então, essa descoberta sempre permaneceu para ele como o primeiro passo no doloroso caminho que deveria conduzi-lo para Deus” (GILSON, 2006, p. 17). Afirma ele ainda que a sabedoria para os agostinianos é compreendida como uma beatitude, ou seja, buscar a sabedoria trazia uma certa posse de paz, frente às inquietações que ele sentia quanto a sua própria existência. As inquietações e especulações sobre a própria vida foram fonte de conhecimento para Agostinho, percebia que tinha tudo que queria, dinheiro, festas e tudo mais, porém ainda lhe faltava alguma coisa, e ao descobrir a sabedoria como um caminho para Deus tudo foi tomando um novo sentido, inclusive na busca dos saberes filosóficos.

3. CONVERSÃO À FILOSOFIA E ÀS ARTES LIBERAIS

Dando continuidade nesse caminho de busca pela sabedoria não podíamos deixar passar o momento crucial em que Agostinho descobre os saberes filosóficos e as artes liberais. Crucial porque deu novo rumo aos seus estudos, aos seus escritos, e conseqüentemente à própria Filosofia, diria também até ao Cristianismo, que após Agostinho recebeu muitas influências que fizeram a diferença no pensamento da época.

3.1. As artes liberais como preparação para a Filosofia.

Sabe-se que Agostinho teve acesso à Filosofia por meio dos escritos de Cícero. Essa arte do saber na verdade se tornou para ele uma busca pela sabedoria, um meio para atingi-la. No pensamento Agostiniano a fé tem um papel importante, mas que é unido à razão, as duas caminhando juntas, tendo a fé como a parte primordial: crer para compreender. É importante levarmos isso em conta desde agora porque a Filosofia depende muito do exercício da razão, e o conhecimento desta se dá por meio de um caminho preparatório que era proporcionado pelas artes liberais, segundo defendiam os pedagogos antigos, como Orígenes, por exemplo. Na Era Medieval é incorporado um termo diferente: artes “liberais”, pois somente um homem desejoso de se libertar da ignorância pode estudá-las.

3.2. *Trivium e Quadrivium*

As artes liberais são listadas de formas variadas, mas podemos dividi-la em duas “classes” podemos dizer: *Trivium e Quadrivium*. O *Trivium* (saberes ligados à palavra) é composto pela gramática, dialética ou lógica e pela retórica, instrumento muito usado e ensinado por Agostinho, trata-se também de conhecimentos mais internos ao homem. Já o *Quadrivium* (saberes matemáticos) se dedica à Geometria, Astronomia, Música e Aritmética, que diz respeito ao conhecimento voltado ao mundo externo. Classes essas que foram delineadas por Marciano Capella, retórico e escritor que nasceu no norte da África. Ele escreve sobre o assunto na sua obra “Núpcias de Mercúrio e Filologia”.

No livro XXXIII, do *De Quantitate Animae*, Agostinho fala dos efeitos das artes liberais na vida do homem: “Oxalá nós dois pudéssemos perguntar a respeito disso a alguém muito instruído, e não somente instruído, mas também eloquente e homem perfeito!” (AGOSTINHO, 2008, p. 339). Um trecho que delineia o pensamento de Agostinho com relação às artes liberais

e à própria Filosofia, podendo dar destaque a três palavras-chaves: instruído, eloquente e perfeito. No pensamento agostiniano a retórica torna o homem eloquente, persuasivo, convincente, ou seja, aperfeiçoa a capacidade de persuasão, de convencer as pessoas, mas o principal: fazer com que o ouvinte reflita sobre o que é falado. A Retórica é um verdadeiro instrumento para comunicar todo tipo de conhecimento, desde uma experiência vivida, até às mais difíceis disciplinas do conhecimento, ambas se valem da Retórica como meio eficaz para nos tornarmos pessoas eloquentes.

Além da Retórica, as outras artes tornam o homem douto, erudito e instruído. A Gramática e a Dialética unidas dão potência à Retórica, pois a Gramática nos ensina como escrever corretamente o bom uso da linguagem, das palavras para a transmissão do conhecimento, e a Dialética como a capacidade de estabelecer os argumentos coerentes para serem defendidos, que levam até a Retórica que persuade, ensina e convence. A Música, quando estudada, torna o homem sensível a todas as outras artes, o leva a contemplar a coerência dos números como na Aritmética, e a perfeição dos sons, assim como todas as outras artes unidas, que fazem do homem um ser muito mais inteligente. É aquela famosa frase que costumamos ouvir desde criança: o homem deve procurar “saber de tudo um pouco”.

O “tripé” das artes liberais do *Trivium* favorece de forma esplêndida o conhecimento filosófico, que torna o homem mais sábio porque pensa, reflete e analisa tudo que lhe é apresentado e assim faz a Filosofia. O conhecimento do Trivium forma alicerces seguros, argumentos seguros à Filosofia e ao exercício da razão, característica de todo e qualquer homem que deseja alcançar a verdadeira sabedoria.

O termo “perfeito” se refere ao homem que entende e pratica a doutrina cristã de forma inteligente, valendo-se dos seus conhecimentos adquiridos para estudar e falar mais sobre Deus, além de pensar nos grandes problemas do mal, do livre-arbítrio e da grandeza da alma. Pode-se observar isso na vida de Agostinho, tudo aquilo que ele tinha como conhecimento adquirido o levou a ser um homem douto, sábio, eloquente e perfeito.

A formação nas artes liberais como degrau primário, a Filosofia como degrau intermediário e a doutrina cristã como degrau mais elevado. Nesse sentido, as artes liberais seriam ferramentas para a construção argumentativa como primeiro critério do filosofar. A Filosofia e as Artes liberais servem de pilares para o estudo da doutrina cristã, das Sagradas Escrituras e daquilo que diz respeito à fé.

No tempo que passou em Cartago na casa dos maniqueus para continuar os estudos Agostinho percebeu a fraqueza dos argumentos do Maniqueísmo, como relata Papini: “As

discussões eram públicas e Agostinho pode verificar duas coisas: que os maniqueus se utilizavam de traduções alteradas das Escrituras e que suas respostas ao controversista católico eram fracas e tímidas” (PAPINI, 1937, p.68). Ou seja, ali, convivendo com os maniqueístas, Agostinho pode perceber a fraqueza de embasamento quando se tratava das Escrituras, e eram muito fracos os argumentos aos seus questionamentos mais filosóficos.

O problema do Maniqueísmo, mesmo depois da sua segunda conversão, o atormentava e era um dos motivos pelos quais ele se angustiava. Ele usou o caminho da reflexão filosófica para pensar os grandes problemas que lhe apareciam como o problema do mal.

A meditação e a contemplação da Verdade são meios que ele utilizava para desenvolver sua filosofia e o seu ideal filosófico. Assim, dividindo o conhecimento das coisas numa atitude passiva e outra ativa, contempla/medita e estuda/investiga. Traçados esses dois caminhos fica mais fácil entender o caminho da fé e da razão para ele. É preciso crer para compreender. A fé contempla e medita, enquanto a razão investiga, propõe argumentos, como escreve o próprio Agostinho: “Como o estudo da sabedoria consiste na ação e na contemplação, uma parte pode chamar-se ativa e outra, contemplativa. A ativa tem em mira organizar a vida, isto é, estabelecer costumes; a contemplativa pretende considerar as causas da natureza e a verdade pura” (AGOSTINHO, 2014, p. 392). Para ele não é apenas uma questão de contemplação, mas a contemplação leva à ação, contemplar, pensar e meditar sobre as coisas deste mundo e da eternidade, todavia, trazer isso para a vivência do hoje é deixar que a contemplação ganhe vida.

3.2.1. A Gramática

Diante das variadas artes liberais destaco agora as três primeiras, às quais Agostinho descreve sua origem e importância no “*De Ordine*”. A Gramática, a Dialética e mais à frente a Retórica.

Na era medieval dividiu-se as artes liberais em sete, mas sabemos que a Linguagem já era usada há muitos anos.

É evidente que Agostinho não se deteve somente nessas artes, mas é preciso destacá-las para fundamentar o raciocínio em direção a Filosofia e a forma que ele usou para discutir e pensar seus argumentos, pensá-las como instrumentos para o desenvolvimento dos pensamentos filosóficos agostinianos.

No Livro Segundo do “*De Ordine*” lemos o seguinte:

Pois o que há em nós de racional, isto é, que usa da razão e faz ou segue coisas razoáveis, uma vez que o homem estava ligado por um vínculo natural à sociedade daqueles com os quais tinha a mesma razão em comum, e porque ele não podia se associar ao homem de uma maneira bem consistente, a não ser que eles conversassem entre si e, assim, como que fundissem entre si suas mentes e pensamentos, a razão percebeu que se deviam impor vocábulos às coisas, expressando alguns sons para que, uma vez que os homens não podiam penetrar mutuamente em suas almas, usassem do sentido com intermediário para associar-se entre si (AGOSTINHO, 2008, p. 234).

Agostinho aqui fundamenta a necessidade que o homem sentia de comunicar-se e pela razão se fez possível os vocábulos, sons, para que pudesse haver a troca de conhecimento entre si. Fica claro que existe para Agostinho um sentido de perpetuar o pensamento de alguém por meio da escrita e da linguagem, porém, não é apenas uma escrita sem sentido e desenfreada. Foi necessário, pela razão, dar pontos, pausas e enxugar os argumentos para que a gramática não fosse algo sem freio e sem filtro, para que houvesse uma coerência naquilo que escrevemos. Tudo isso só foi possível pelo trabalho de Varrão como bem apresenta Agostinho (Ibidem, p. 235).

Ainda nessa sequência ele decompõe muitos ensinamentos sobre o crescimento e aprimoramento da Gramática. Podemos observar a importância dela e da linguagem no *De Magistro*:

Agostinho. Que achas que almejamos quando falamos?
 Adeodato. Pelo que me ocorre agora, pretendemos ensinar ou aprender.
 Agostinho. Percebo uma dessas duas coisas e concordo, pois, é claro que queremos ensinar quando falamos. Mas, aprender? Como?
 Adeodato. Não achas que é quando perguntamos?
 (AGOSTINHO, 2008, p. 359).

Ou seja, nós nos servimos da Gramática e da Linguagem para ensinar e aprender. Sem a linguagem, pode-se dizer que não há conhecimento, mesmo que seja por sinais e gestos, ela comunica ao outro com elegância. O falar bem, com precisão, é tarefa de todo aquele que deseja crescer em conhecimento, intelectualidade, mas principalmente, daquele que deseja perpetuar o conhecimento.

Agostinho defende uma Gramática que possui significado, que não são apenas palavras vazias e sem sentido, pois, o uso das palavras e o significado de cada uma delas serviria também para aprofundar o sentido das Escrituras.

Dominar a escrita e saber bem o que cada palavra quer dizer é essencial para quem deseja aprender. Em muitos trechos do *De Magistro* vemos Agostinho e Adeodato discutindo sobre o sentido das palavras e seu significado:

Ag. Parece-te, então, que a linguagem não tenha sido instituída senão com o fim de ensinar ou recordar?

Ad. Poderia parecer se não se movesse ao contrário o fato de que, quando rezamos, certamente falamos. E, no entanto, não se pode crer que estejamos ensinando ou recordando algo a Deus.

Ag. Julgo que não sabes que não por outra coisa nos foi mandado rezar em quartos fechados, expressão esta que significa o interior da mente, senão porque Deus não procura ser lembrado ou ensinado por nossas palavras a fim de que nos conceda o que desejamos (AGOSTINHO, 2008, p. 360-361).

Vê-se aqui uma constatação interessante: quando se fala de “fechar a porta do quarto” temos a tendência de ir ao literal e acharmos que a ordem de Deus era apenas o quarto exterior, mas não, não se trata apenas disso, trata-se de uma atitude interior, de recolher-se e estar com Deus. Mas o que tem isso a ver com Gramática e Linguagem? Tudo. Como o homem saberia interpretar as Escrituras sem dominar a gramática e a linguagem e os seus diferentes significados? Como poderia ver nas entrelinhas sem uma capacidade interpretativa que só quem conhece a gramática consegue captar? Agostinho ressalta ainda a polidez no momento de rezar:

Ag. Portanto, não te preocupes com o fato de que, quando o soberano Mestre ensinou a seus discípulos a rezar, ele tenha ensinado algumas palavras, e nisto não parece ter feito outra coisa senão ensinar como convinha falar ou rezar?

Ad. Isto não me preocupa absolutamente, pois não lhes ensinou palavras, mas, por meio de palavras, ensinou-lhes as próprias coisas pelas quais eram exortados a respeito de quem e o que pedissem quando rezassem, como foi dito, no interior da mente”. (AGOSTINHO, 2008, p.361).

Aqui é importante destacar a frase “pois, não lhes ensinou palavras, mas, por meio de palavras”, Adeodato constata algo que poucas vezes nos atentamos: a palavra é um meio de ensinar as coisas, seja a rezar como é o caso do trecho acima, como ensinar na escola ou na faculdade, pois a palavra tem poder para Agostinho. Por meio dela somos capazes de falar até mesmo sem exprimir os sons, como é o caso da oração mental:

Ag. Entendeste corretamente. Creio também que notaste que, embora haja quem não concorde, mesmo sem emitir som algum, falamos em nosso interior ao pensarmos as próprias palavras. Assim, com a linguagem nada mais fazemos do que recordar, uma vez que a memória, na qual estão gravadas as palavras, resolvendo-as faz com que venham à mente as próprias coisas das quais as palavras são sinais”. (AGOSTINHO, 2008, p. 362).

Quando usamos as palavras elas têm o poder de trazer à nossa mente as coisas às quais elas significam. Por exemplo: quando se diz a palavra “copo”, o que vem à mente? Talvez um copo azul de vidro ou de plástico, ou aquele copo da casa da bisavó feito de alumínio etc. Ainda no *De Ordine*, Agostinho deixa claro o poder que a gramática tem: “Poderia dar-se por completa

a gramática, mas, como pelo seu próprio nome indica a profissão do ensino das letras – pelo que em latim se diz também literatura – ocorreu que necessariamente competia a ela perpetuar por escrito tudo o que fosse digno de memória” (AGOSTINHO, 2008, p. 236).

Apenas com uma palavra somos capazes de trazer à tona inúmeros objetos, e até sentimentos relacionados a eles. Com essa discussão, Agostinho abre um leque gigantesco sobre o significado das palavras, tão essenciais para que o homem se torne cada dia mais erudito, douto, e que se faça entender mais facilmente pelo ouvinte quando se tem um arcabouço recheado por palavras assertivas e coerentes. Coerência que é papel da dialética trazer a cada um de nós como veremos a seguir.

3.2.2. A disciplina das disciplinas: Dialética!

Vejam os que escreve Agostinho:

Uma vez completa e sistematizada a gramática, a razão foi estimulada a pesquisar e voltar sua atenção àquela mesma força pela qual ela gerou a arte, pois, através de definições, divisões e sínteses, não só a havia classificado e ordenado, mas também a defendera de qualquer insinuação furtiva de falsidade. Pois como podia passar a outras construções se antes não distinguisse, notasse e classificasse seus próprios instrumentos e meios e passasse adiante para produzir a disciplina das disciplinas, que se chama dialética? Esta proporciona a metodologia para ensinar e aprender; por ela a própria razão se mostra e se revela o que é, o que deseja, o que pode. Dá certeza do saber; somente ela não apenas quer, mas também pode fazer com que tenhamos conhecimentos (AGOSTINHO, 2008, p. 237).

Aqui chegamos a um ponto importantíssimo: a Dialética como um método para organizar e orientar, ensinar e aprender as coisas. Era necessário um método, um jeito para se aprender, um instrumento. Basta que abramos os livros e textos agostinianos. Por vezes vemos o diálogo como método, como no *De Magistro* ou *Contra os Acadêmicos* por exemplo. A dialética, como ele pensava, orienta o homem a não pensar desenfreadamente, mas a ter método, instrumentos para guiar a aquisição do conhecimento.

Em complemento à Gramática vem a Dialética, perceber se seu raciocínio tem correspondência com a realidade, ou se aquilo que pensa é algo sem nexos. Ela ajuda a examinar os argumentos para não sair da coerência do pensamento que se deseja exprimir, e ter consciência dos desdobramentos disso, tendo uma visão ampla do que se fala.

Para Platão a dialética era um instrumento, um meio para se chegar à verdade das coisas. O método dialético permite ao homem questionar, indagar, e por consequência, revelar

os argumentos falaciosos ou verdadeiros. Esse método também está presente nos textos agostinianos como no caso da *disputatio* que é elemento primordial da dialética, ou seja, a discussão do assunto que começa muitas vezes por meio de perguntas e questionamentos: “Duvidais de que devemos conhecer a verdade?” (AGOSTINHO, 2008, p.46), esta é a pergunta feita por Agostinho no diálogo *Contra os Acadêmicos*, que desenrola muitas outras reflexões durante todo o texto. É um Método muito semelhante aos textos de Platão em *A República*, em que há uma longa discussão sobre “o que é a Justiça”.

Agostinho debatia com seu filho Adeodato, no *De Magistro*, sobre o Mestre interior, sobre o uso dos signos e seus significados dentro da linguagem. Nas *Confissões* questiona aspectos importantes sobre a própria vida e debatia muito com o próprio Deus sobre a ligeira ignorância em buscar outras coisas senão Ele. A dialética, o caminho de aquisição do conhecimento por meio dos questionamentos e do desdobrar das discussões é característica fundamental que permeia todos os diálogos agostinianos, a pergunta e a reflexão como método para se chegar à verdade. Como ele próprio escreveu: “Isto é, que ninguém deve aspirar ao conhecimento dessas questões se não estiver imbuído daquela dupla *ciência da boa discussão (grifo nosso)* e da eficácia dos números”. Esta ciência da boa discussão é para Agostinho uma grande ferramenta para a aquisição do conhecimento.

3.2.3. A Retórica

Tudo isso faz parte da dialética agostiniana que nos leva em direção à última arte que compõe o Trivium: a Retórica.

O argumento é parte importante do debate filosófico, e nas obras de Agostinho é muito claro que eles são componentes que ditam seus escritos e pensamentos. Na obra aqui já citada seu filho Adeodato quando conversa sobre os signos e significados diz:

Ad. Compreendo.

Ag. Entretanto, é isto mesmo que eu disse ao afirmar que o vocábulo e o nome se significam reciprocamente.

Ad. Entendo. Mas te pergunto o que querias dizer ao afirmar: ‘Também se significam a si mesmos com as outras partes da oração (AGOSTINHO, 2008, p. 383).

Aqui vemos que ele levanta argumentos para o que o pai explica, e assim se constrói a arte da retórica durante todo o diálogo: não um Agostinho que pensa só, mas, que embasado

nas dúvidas do filho constrói um novo pensamento. No livro II, do *De Ordine* Agostinho diz o seguinte:

Porém, uma vez que muitos homens estúpidos não seguem as coisas que lhes são aconselhadas com retidão, utilidade e honestidade, nem percebem a própria verdade sinceríssima que poucos espíritos veem, mas, seguem os próprios sentidos e hábitos, era oportuno não somente ensinar-lhes o quanto eles podiam aprender, mas sim, e principalmente estimulá-los à prática. A razão denominou retórica esta parte encarregada desta função; é mais necessária que simples, a função de proporcionar aos povos quantidades de delícias para que aceitem ser atraídos para o seu próprio benefício (AGOSTINHO, 2008, p. 237).

Não é apenas uma questão de saber o que as coisas significam, ou como se comportar, mas, de colocar em prática tudo aquilo que o estudo lhes ensina. Para além do discurso apenas, é importante que seja vivido tudo aquilo que se prega e que é falado. Por meio das palavras convencer o ouvinte a tomar parte e mudar o que está errado. Não foi apenas um jogo de palavras que fez com que Agostinho saísse da vida pecaminosa, mas sim, a retórica de Ambrósio, a verdade e a força que emanava de cada palavra. Era como se vida e Escritura se fundissem e fizessem do coração de Agostinho uma morada para reflexão dos próprios erros. O poder das palavras se expressa na boa retórica, não basta conhecer a palavra é preciso saber usá-la ao nosso favor, para levar o ouvinte a refletir sobre si mesmo, sobre suas condutas e apresentar-lhe um caminho novo, o caminho certo, o caminho do conhecimento que liberta.

É fundamental percebermos a importância dessas três artes que compõem o Trivium, porque de certa forma elas dão base e são parte integrante na construção de todo pensamento filosófico que Santo Agostinho construiu ao longo de sua vida. Não apenas artes vazias de sentido, mas, elementos primordiais que tornam o homem cada vez mais douto, mais filósofo e por assim dizer, mais capaz de transmitir o conhecimento que adquiriu pelos anos de estudos.

3.3. *Quadrivium*

3.3.1. Música, Geometria, Astronomia e Aritmética: o prazer contemplativo.

Dentro do leque das artes liberais a Música recebe dedicada atenção de Agostinho. Nos seis livros que compõem o escrito "*De Musica*" podemos conhecer uma sequência de diálogos muito depurados sobre a Música, suas definições, como ritmo, modulação, dentre outros

aspectos. O livro expõe um diálogo entre o Mestre e o Aluno acerca da definição de: Que é a Música?

No Livro I, Capítulo II, se vê uma discussão interessante sobre a definição do que é a Música e o bem modular. O aluno se acha incapaz de definir o que é a Música, ao passo que o Mestre lhe dá uma definição e ali começam a discussão:

M: Defina, então, o que é a música.
 A: Eu não conseguiria...
 M: Você poderia, pelo menos, avaliar se minha própria definição está correta?
 A: Tentarei, quando você a tiver formulado.
 M: A música é uma ciência que ensina a bem modular. Você concorda?
 A: Talvez, se eu puder ver com clareza em que consiste a modulação.
 (AGOSTINHO, 2019, p. 19)

Veja que o Mestre define a música como a ciência do bem modular, mas o que é que significa esse modular?

M: Assim, podemos definir a modulação como a arte nos movimentos, ou pelo menos a arte de executar movimentos regulares. Pois seria-nos impossível dizer que um objeto obedece a um movimento regular se ele não preservasse certa medida.
 A: Sem dúvida, seria impossível. Mas então será preciso compreender sob o termo de modulação tudo aquilo que será bem feito. Pois, sem movimento regular, nada pode ser bem executado. (AGOSTINHO, 2019, p. 20)

A modulação é um conjunto de movimentos que em perfeita sincronia refletem uma arte, no caso aqui a Música. Movimentos bem feitos que geram a música são a arte do bem modular: “M: É, portanto, provável que a ciência da modulação consista em bem ordenar os movimentos, tornando-os capazes de despertar o interesse e, por conseguinte, agradar por conta de suas próprias qualidades” (AGOSTINHO, 2019, p. 21).

Quando Agostinho define essas artes como “do prazer contemplativo” se refere muito aos sentidos mesmo, ao escutarmos uma música bem cantada sentimos muitas coisas, ou mesmo ao vermos os astros no céu. Tudo isso gera em nós bons sentimentos e gera em nós esse interesse que ele expõe neste parágrafo acima.

Retomando a noção de modulação: Agostinho como mestre toma a música como a arte de bem modular, movimentos bem feitos, geram arte de qualidade. Como um cantor que com maestria canta e encanta com sua voz, porém um cantor que canta todo sem jeito, sem afinação podemos dizer que não faz música bem modulada, os movimentos são desorganizados e acaba por virar poluição sonora: “M: A música é a ciência dos movimentos bem ordenados” (Livro I, 3). A discussão se segue acerca do termo “ciência” do bem modular. Sobre as capacidades de

quem executa a música, quem toca bem é fruto de muito exercício ou de uma ciência intrínseca ao homem, que já nasce nele. Porque vemos que a música também é fruto de imitação e treino, ler partituras e treinar os movimentos, mas exige também de quem toca certo talento natural, como um aprendizado já existente naquela determinada pessoa. Quantas vezes percebe-se a diferença entre um cantor e outro, e quando vamos a fundo observamos que um nunca estudou, mas exerce perfeitamente a música e não sabe absolutamente nada sobre o método, sobre a técnica, apenas a executa, talvez seja por um dom natural, ou porque aprendeu escutando outros e não se interessou em estudar. Agostinho se detém bastante nessa definição e diferenciação entre ciência e pura imitação.

Tendo a discussão mais aprofundada, Agostinho no *De Ordine* dispõe a definição de ritmo:

Mas o que não está disposto em certo limite, contudo fluía com pés razoavelmente ordenados, ela denominou *rhythmos* (ritmo), palavra grega que se traduziu ao latim por *numerus* (número, cadência). Daí surgiram os poetas, nos quais ela percebeu a grande importância não somente dos sons, mas também das palavras e dos assuntos e os honrou muitíssimo atribuindo-lhes capacidade mental para produzirem todo tipo de composições poéticas razoáveis que quisessem (AGOSTINHO, 2008, p. 239).

A Música está longe de ser uma arte desordenada, pelo contrário, a beleza dela se exprime na ordem e na sua cadência e ritmo, ou seja, na sua forma ordenada de ser. Existem tempos, ritmos, melodias, harmonias e tudo é muito bem “encaixado” por assim dizer. Agostinho explica isso muito bem nas discussões nessas duas referências aqui já citadas. A Música obedece a regras que a tornam mais bela e executável, não é apenas tocar de qualquer jeito, exige a ciência do que se está fazendo e o exercício, a imitação e o treino.

“Assim esta disciplina, que participa do sentido e da inteligência, recebeu o nome de Música” (AGOSTINHO, 2008, p. 240). A Música é composta pelos sentidos, nós os usamos para apreciar e para fazer música, o nosso corpo como parte importante nesse processo: escutar uma música para aprender, treinar cantando, reproduzi-la, tudo isso é tarefa que compete aos nossos sentidos impulsionados pela nossa mente, nossa inteligência que dita o que devemos fazer, quais movimentos fazer para bem emitir os sons.

“M: Experimente, pois. Seu ouvido descobrirá uma variedade enorme de combinações muito harmoniosas, todas elas agradáveis aos sentidos” (AGOSTINHO, 2019, p. 79). Não basta apenas cantar com ritmo, cadência de movimentos, afinado, é preciso harmonia, coerência entre os sons que se emite, e para quem escuta deve ser melodia que leve à contemplação, que

exprima uma beleza, uma coerência nos movimentos expressos por quem canta ou quem toca. Deve haver sincronia nos instrumentos, uma harmonia capaz de levar o homem a contemplar.

3.3.2. Geometria: contemplar as linhas que compõem o universo!

Ao contemplar o mundo e encantar-se por sua beleza Santo Agostinho reparou nas formas e nas linhas que compõem o universo em que percebeu que sua beleza vai além do que nossa inteligência pode conceber, a esse conjunto de formas e linhas a razão concebeu como Geometria:

Depois, avançando no poder de visão dos olhos e percorrendo a terra e o céu, compreendeu que nada mais que a beleza lhe agradava, e na beleza as figuras, nas figuras as medidas e nas medidas os números e pesquisou se aí a linha, a esfera e qualquer outra forma e figura eram tais como existem na inteligência. Achou-as muito inferiores e nada do que os olhos viam era comparável ao que a mente percebia com clareza. Tendo distinguido e ordenado todas essas coisas, sistematizou-as para constituírem uma disciplina à qual deu o nome de Geometria (AGOSTINHO, 2008, p. 240).

Ao analisar o mundo, as formas que nele existem, percebem-se as linhas, os pontos, objetos quadrados, redondos, triangulares, e vê-se nisso tudo uma perfeição e uma correspondência com a ideia dessas formas na mente. E não só isso, percebem-se a soma dos ângulos, das retas, dos números que as compõem, observa-se uma simetria nas formas do universo, do mundo ao nosso redor. A Geometria está presente em tudo e em todos, seja no formato de uma estrela de seis pontas, ou numa pirâmide no meio do deserto, tudo isso exprime pura Geometria. Os nossos olhos podem contemplar aquilo que já vislumbramos na inteligência, o intelecto toma forma por meio das figuras geométricas que existem no mundo.

3.3.3. Astronomia: os movimentos do céu

Os movimentos do céu também chamavam muita a atenção de Agostinho. Os astros em seus perfeitos movimentos foram objeto de encantamento e estudo para ele, após longo estudo e reflexão a razão determina esse estudo como Astronomia:

Chamava-lhe muito a atenção o movimento do céu que a convidava a refletir com diligência. E entendeu que também ali dominavam aquela medida e

ritmos (números) através das regularíssimas alternâncias dos tempos, pelos cursos invariáveis e definidos dos astros, pelos espaços de tempo ordenados dos intervalos. Igualmente definindo e dividindo, colocou tudo em perfeita conexão e deu origem à Astronomia, grande espetáculo para as pessoas religiosas e grande tormento para os desejosos de saber (AGOSTINHO, 2008, p. 240).

Com muita sutileza, Agostinho demonstra nesse parágrafo aquilo que sentimos quando contemplamos os astros: impotência diante de tamanha perfeição. Ao olhar os movimentos dos astros nos deparamos com algo que transcende a nossa visão humana e nos conecta com o divino. Por um bom tempo vimos a humanidade usar a harmonia dos astros, das estrelas, dos planetas, da lua, para designar os signos, conhecidos popularmente como horóscopos, que devido a harmonia de “x” astro, tal ação aconteceria para determinar o signo naquele dia, uso que foi rejeitado por Agostinho, que acreditava que tal harmonia e perfeição nos leva a compreender que algo maior os criou para que nos detivéssemos em estudá-las e assim buscássemos a própria causa do Universo, fonte da sabedoria e de todo poder que constrói, cria e mantém o Universo: o próprio Deus. Contemplar e refletir sobre tudo o que compõe o Universo faria do homem um ser mais douto, eloquente, cheio de conhecimento que o faria crescer em sabedoria, e em consequência ir em direção à Filosofia.

Não há como não perceber que a harmonia dos movimentos encantava Agostinho, seja na Música, seja na Geometria que compõe o universo ou no movimento dos astros. Tudo isso exalava beleza e gerava uma inquietação, uma curiosidade filosófica nele e em nós também.

3.3.4. A Aritmética: os números

A última das artes liberais que vemos aqui é a que permeia todo o *Quadrivium*, se analisarmos bem: quando se fala de Música vemos que existe uma métrica, um intervalo de tempo em que as notas devem se encaixar perfeitamente para não fugir do tempo, seja ele quatro por quatro (4/4), ou quatro por oito (4/8), o que estabelece até mesmo o ritmo das palmas, da dança. Quando mudamos o tom da música para cantar de forma mais confortável: abaixamos meio tom, ou um tom inteiro. Todas essas são expressões da Aritmética.

A Geometria quando estudamos na escola os ângulos, a hipotenusa, a soma dos lados de um quadrado, tudo isso envolve os números que são os elementos primordiais da Aritmética. O que demonstra a harmonia perfeita dos números. E na Astronomia podemos observar quando calculamos a distância entre um astro e outro, anos luz que separam o Sol e a Terra, bilhões ou trilhões de quilômetros que separam Júpiter de Mercúrio, os cálculos que envolvem a

velocidade com que um meteoro pode atingir a Terra e se desintegrar na atmosfera, e até mesmo quando os Astrônomos e os agentes espaciais calculam a força que um foguete deve ter para chegar a sair da Terra, tudo isso envolve os números, o mundo envolve os números, pois tudo que existe é ordenado:

Já na música, na geometria, nos movimentos dos astros, nas rígidas regras dos números a ordem domina de tal modo que, se alguém deseja ver a sua fonte e o interior do seu santuário, ou os encontra neles mesmos ou é guiado por eles até lá sem erro algum (AGOSTINHO, 2008, p. 211).

Vejamos a reflexão a seguir:

Cada vez que se depara com um número – por exemplo: 46 anos demorou a construção do templo – Agostinho se compraz em decompor, comparar e mostrar a relação desse cálculo com uma ideia, ou conjunto de ideias. Mas também, em vez de decompor o número, pode compor, somando com outro, ou outros. Assim o número 40 está associado com jejum (Moisés, Elias, Jesus) que celebramos na Quaresma; mas, na parábola, ao receber o prêmio (*denarius*) se acrescenta 10 a 40, e temos a Quinquagésima (Pentecostes), que celebramos com alegria depois da Páscoa. Portanto os números têm qualidades que permitem fazer deles os degraus, ou a base, para alegorias espirituais (LUPI, 2021, p.57).

Isso diz muito ao modo como Agostinho via os números, não apenas como uma parte solta no universo, mas como parte que integra e ordena o mundo, sabendo que o próprio Jesus deu sentido novo aos números quando faz a promessa do Pentecostes (At. 1, 8; At. 2, 1), que se cumpriu 50 dias após a Páscoa, que é precedida pelos quarenta dias onde Cristo foi tentado (Lc. 4, 1-2ss). Tudo isso envolvendo os números, que Agostinho chega ao ponto de dizer que o poder da razão estava nos números: “Aqui a razão ergueu-se e se fortificou muito; ousou comprovar que a alma é imortal. Examinou tudo diligentemente, percebeu que tinha um grande poder e que todo seu poder estava na força dos números” (AGOSTINHO, 2008, p. 241).

Percebe-se também que Agostinho deseja nos levar a compreender que o número leva ao Criador dele, o próprio Deus. Ao observar a harmonia das coisas no mundo tudo remete ao seu Criador, inclusive a perfeição numérica que há em tudo à nossa volta como nos diz o Livro da Sabedoria: “mas dispusestes tudo com medida, quantidade e peso” (Sb 11, 20).

3.4. O estudo das artes liberais nos leva à Filosofia

Neste esforço de delinear as artes liberais às quais ele escreveu e ensinou, chegamos a um ponto crucial da conversão à Filosofia na vida de Agostinho, pois as artes liberais eram

apenas um plano de fundo para a sua conversão à Filosofia que foi despertada por Cícero ao “tocar” na obra *Hortensius* que o levou a buscar a verdadeira sabedoria. Na visão de Agostinho era de suma importância saber e estudar as artes que compunham o *Trivium* e o *Quadrivium* para fazer Filosofia, elas dão base a esse estudo que vai ser ainda alicerce para o estudo das Sagradas Escrituras e da Doutrina Cristã.

Após uma análise mais concisa das artes que compõem o *Trivium* e o *Quadrivium* chegamos ao ponto chave da filosofia agostiniana: a erudição que emana do estudo das artes que servem de bagagem para fazer Filosofia:

Aquele que não se deixar seduzir pelas imagens falsas das coisas e consegue resumir num compêndio simples, verdadeiro e sólido todas as coisas amplas e variadamente contidas em tantas disciplinas, é digníssimo de ser chamado de erudito e não temerariamente pode buscar as coisas divinas, não somente para crer nelas, mas também para contemplá-las, entendê-las e guardá-las (AGOSTINHO, 2008, p. 241).

Não somente para fazer Filosofia, mas, até mesmo buscar as coisas divinas, para poder crer e entender melhor sobre as coisas de Deus. Isso só é possível por meio da contemplação, reflexão, que é próprio de quem faz Filosofia, usar da boa gramática, uma escrita excelente, de uma dialética que não seja apenas “discutir por discutir”, mas, uma construção mútua do conhecimento, e através do discurso bem ordenado e preparado para chegar ao fim almejado: perpetuar o conhecimento. Analisar a harmonia da Música, ou quem sabe, refletir sobre alguma realidade ao som de uma boa música, contemplando os astros, as formas do mundo, os números que o compõe de forma tão perfeita e ordenada: assim se faz Filosofia. Aquele que for capaz de usar esses conhecimentos ao seu favor, para uma boa reflexão, tem a promessa de uma vida feliz:

Empenha-se também por esta erudição a própria filosofia, e nela nada mais acha senão o que seja a unidade, mas de um modo muito mais elevado e divino. Duas questões lhe dizem respeito: uma concernente à alma, outra a Deus. A primeira faz com que nos conheçamos a nós mesmos, a segunda levamos ao conhecimento de nossa origem. A primeira nos é mais agradável, a segunda mais cara; a primeira nos torna dignos da vida feliz, a segunda nos torna felizes; (AGOSTINHO, 2008, p.245).

Uma vida esclarecida e plena de conhecimento, capaz de nos levar a entender as realidades desse mundo e do outro também, conhecer o próprio Deus, as coisas por Ele criadas. Agostinho prova que é possível fazer Filosofia inclusive falando sobre Deus, as realidades divinas, o contexto das artes liberais tendo em vista a perfeição que reflete o seu Criador. Não uma Filosofia separada da Teologia, por assim dizer, mas, que é capaz de nos levar ao horizonte de uma discussão muito bem fundamentada sobre Deus, os problemas que o envolve, como o

mal, o livre-arbítrio, o tempo e muitos outros questionamentos que brotam da reflexão filosófica.

4. A *QUAESTIO DEI* E A *DOUTA IGNORÂNCIA*

Chegamos aqui a um ponto crucial na vida de Agostinho: o diálogo e a busca interrogativa por Deus. Depois de traçar um caminho de conversão de vida e mentalidade, de passar pelas artes liberais em direção à Filosofia, agora vemos um Agostinho que entra em si mesmo e que se coloca diante de Deus para confessar sua miséria. Um Agostinho que vai dialogar com a grandeza que é Deus apoiado nas Sagradas Escrituras.

4.1. A *Quaestio Dei* nas Confissões

Nas *Confissões* Agostinho se abre para Deus, confessa sua vida, seus pecados e inquietações interiores, questionamentos de uma vida toda. Aquele Agostinho douto, filósofo, sábio, se vê de “pernas bambas” na presença de Deus. Não somente por uma piedade consigo mesmo ou por medo, mas, para conhecer verdadeiramente quem é ele e quem é Deus. Percebendo por meio da reflexão que nós estamos muito distantes daquela imagem originária criada por Deus, mas, que somos uma humanidade decaída e que luta para se assemelhar, ao menos um pouco, Àquele que nos criou.

Acredito que pelo menos uma vez na vida já vivemos momentos como esse de Agostinho, um processo de autoconhecimento, em que pudemos confrontar nossa própria vida e atitudes. Com toda certeza ao lermos as *Confissões* sentimos a inquietação que brota do coração e da alma de Agostinho, essa inquietação vai movendo seu coração, sua confissão, sua oração diante da grandeza de Deus que se revela e revela a ele quem ele é:

Senhor meu Deus, a quem todos os dias a minha consciência se confessa, mais confiante na tua misericórdia do que na sua inocência, mostra-me qual o fruto desta confissão, feita também aos homens na tua presença, não do que fui, mas, do que sou agora (AGOSTINHO, 1997, p. 267).

A busca de Agostinho pelas letras era sim sadia e o levou a ser um homem muito bem reconhecido por todos, mas, nada se comparava ao que ele sentia diante de Deus. Mesmo com todo o conhecimento que ele tinha não se encheu de orgulho, pelo contrário, esvaziou-se diante de Deus, reconheceu sua miséria e assim se deu seu diálogo com Deus, e não só sobre Deus, mas, com relação a quem é ele mesmo, suas convicções. Agostinho por mais incrédulo que foi na sua juventude, sabia já dentro de si que existia algo que o levava para Deus, isso ele vai reconhecer na vida adulta. Essa sede que ele tinha da verdade, da sabedoria, era na verdade sede de Deus:

Mas que amo eu quando te amo? Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantilenas, nem o suave odor das flores, dos unguentos, dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão suscetíveis às carícias carnis. Nada disso eu amo, quando amo o meu Deus (AGOSTINHO, 1997, p. 166).

Agostinho agora entendia o que lhe faltava todo esse tempo em que buscava a sabedoria, a verdade, mas, ainda não se sentia plenamente feliz com o que encontrara. No Livro III das *Confissões* ele dá início aos relatos dos amores sensuais que buscou na sua juventude, e deixa bem claro o quanto ele se sentia vazio: “Mas, não sentia essa fome, porque não me apeteciam os alimentos incorruptíveis, não por estar saciado, mas porque, quanto mais vazio, mais enfasiado eu me sentia” (AGOSTINHO, 1997, p. 48). O marco das *Confissões* é a conversão de Agostinho, mas, o principal da obra não é mais o “eu” de Agostinho e sim o grande “Tu” que é Deus. Deus que ele vai encontrar dentro dele mesmo, que ocasiona a morte do homem velho que habitava nele, mesmo que com resquícios e lembranças que o corpo não deixa esquecer, o homem vaidoso, orgulhoso, dado à luxúria e ao pecado, aquele vulcão da juventude encontra a Deus e a paz, a felicidade.

Vemos em todos os seus escritos uma inquietação peculiar que percebemos pelos inúmeros questionamentos que ele faz, seja a outros como Adeodato ou sua mãe, seja a ele mesmo como nas *Confissões*, que no fundo é perguntando ao próprio Deus: como eu fui tolo de viver tanto tempo procurando no mundo o que só acharia dentro de mim? Aquele que me criou, também habita o meu espírito, a minha alma e é quem governa meu corpo. Vê-se uma relação trinitária entre corpo, alma e espírito, que é reflexo do grande modelo: a Santíssima Trindade, Pai, e Filho e Espírito Santo.

Nas *Confissões*, Agostinho confessa seus pecados, de forma sacramental também e de forma literária, retratando a grandeza de Deus em comparação às misérias humanas. No fundo ele sabia que dentro de todos nós existe essa sede que a todo momento quer ser saciada, e ensina a cada um que tem contato com suas palavras, que o lugar certo onde repousa a felicidade é apenas em Deus: “Mas, ele não encontra lugar de repouso nas coisas, porque não são estáveis: fogem” (AGOSTINHO, 1997, p. 67).

Podemos constatar um fato interessante: a inquietação filosófica é própria de quem busca a Deus. Porque queremos sempre saber o porquê das coisas, de onde vieram e para onde vão, estamos sempre à procura de algo novo que nos sacie, mas, só encontramos paz diante de Deus e de sua presença.

4.2. A verdadeira sabedoria: amar a Deus.

No Livro VIII da *Cidade de Deus* Agostinho começa a discussão sobre o que é a teologia natural e dá uma definição mais do que clara do que significa ser filósofo para ele: “O nome filósofo traduzido ao português, significaria ‘amor à sabedoria’. Pois bem, se a sabedoria é Deus, por quem foram feitas todas as coisas, como demonstraram a autoridade divina e a verdade, o verdadeiro filósofo é aquele que ama Deus” (AGOSTINHO, 2014, p. 387). Aqui podemos ver resumida a expressão crer para compreender, pois para ser um bom filósofo é preciso crer que Deus exista, mas, não somente isso, é preciso amá-LO para ser considerado um bom filósofo, pois Deus, criador de tudo é a fonte de toda sabedoria, esta que é procurada e perseguida por todo filósofo.

Talvez aqui muitos discordariam da máxima de que o verdadeiro filósofo é aquele que ama a Deus, mas, é crucial entender que a fonte da Sabedoria é o próprio Deus, que para ele não é apenas um ser que está acima de todos e manda como um carrasco, não! Aqui é uma experiência vivida por Agostinho no mais íntimo dele. Aquilo que foi dito no primeiro capítulo deste trabalho: Agostinho une a sua vida às Escrituras, ele está imerso no mundo interior, em que Deus revela sua identidade, Aquele que o conhece melhor que ele mesmo, mas, transforma tudo isso em conhecimento e exorta-nos a sermos bons filósofos, não ignorando Deus, mas, percebendo que Ele é a fonte do conhecimento ao qual nós tanto almejamos

Agostinho inaugura uma nova perspectiva de que Deus é sim objeto da Filosofia. Não por acaso a expressão “crer para compreender”, é Deus que através da fé, da revelação, e principalmente da reflexão, que se comunica a nós, e por meio da razão podemos compreender que Ele existe e está presente em tudo e todos, Ele como fonte do conhecimento, Ele mesmo quem nos cria, dotados de razão e de inteligência, e se dá a conhecer dia após dia. É um caminho que une todo o conhecimento das artes liberais, e converge para Deus, mostrando que algo tão perfeito só pode ser obra de outras mãos, que não é a humana, que tudo que faz é imperfeito, perecível:

Voltai aos vossos corações, pecadores, e ligai-vos àquele que vos criou. Firmai-vos nele e sereis estáveis. Repousai nele e tereis a paz. Por que ir à procura de sofrimento? Aonde quereis ir? O bem que amais procede dele, mas só é bom e suave quando para ele é dirigido. Torna-se justamente amargo, porque, se abandonamos a Deus, torna-se injusto amar aquilo que dele deriva (AGOSTINHO, 1997, p. 68).

Se dissermos que somos filósofos e abandonamos a Deus faz de nós pessoas injustas, pois Ele como fonte de sabedoria (a ela dizemos que amamos quando nos intitulamos “filósofos”) merece que devolvamos a Ele todo o louvor pelo conhecimento adquirido, porque vem dele.

A Filosofia é a arte de viver bem, de pensar sobre as coisas, em busca da felicidade. Uma prova disso é o rumo para o qual Agostinho caminhou já na fase adulta e esclarecida de seu pensamento. Somente por meio da filosofia, da busca pela sabedoria, que se pode chegar à verdade. Filosofia que não é apenas uma capacidade de reflexão sobre o mundo, mas, também, sobre si mesmo.

Percebe-se, diante do caminho até aqui, que Agostinho teve como impulso principal a busca pela Verdade, que se deu por meio da filosofia, o amor à sabedoria. Mas, com o crescimento na fé, na verdade sobre Deus, ele percebeu que o caminho para a Verdade se dá pela fé, buscando a sabedoria, que vem de Deus, que dá luz ao entendimento que aprende o que é a verdade.

Quando se encontrou com Deus suas angústias adquiriram novo sentido, e tudo deu lugar ao Cristianismo, que se torna uma verdade revelada na experiência com Deus, que servirá de apoio para Agostinho falar aos pagãos. Vê-se no processo de seu pensamento que ele aproveita aquilo que a filosofia ensina como preparação, como base para que surgisse a filosofia cristã elaborada por Agostinho de forma mais concreta. O uso da razão, da inteligência, unidas à fé, para um encontro com a verdade. Porque o homem sendo imperfeito, pecador, não é capaz de chegar à verdade apenas pela razão, ou pelos próprios esforços, pois tudo isso é limitado.

A fé em Deus, acreditar Nele, e não somente isso: amá-Lo leva a todos à Verdade, porque Deus cria o homem dotado de razão para que os seus recursos sirvam de parâmetro e amparo para a fé, para viver melhor a fé. Quanto maior a fé, mais aprofundada, maior a força da luz divina que ilumina a razão, mais se chega à verdade. A verdade habita o interior de cada homem, a luz divina ilumina, para que se chegue à verdade.

O amor à sabedoria que define a Filosofia também é o amor às coisas divinas, que ilumina a mente do homem e o leva ao conhecimento pleno da verdade. Fazer filosofia é como beber direto da fonte do conhecimento, e a partir daí conhecer a Verdade, tornando-se assim um homem sábio, amante da sabedoria, amante assim, do próprio Deus.

Quanto mais se abre à fé, mais conhece a verdade. Ela habita em cada homem, a fé a ilumina e através da filosofia, da reflexão, alcançamos um patamar cada vez mais alto no conhecimento. Em amplo sentido, quanto mais próximo de Deus, mais iluminado pela luz divina, mais se aprende.

4.3. A Filosofia Teorética e a Filosofia Prática.

Na divisão entre a filosofia prática e a teórica (teorética) é possível perceber na obra agostiniana a *Metafísica*, na busca incessante por Deus e por buscar compreender as realidades além do físico, como vemos nas *Confissões*. A Epistemologia na busca pelo conhecimento verdadeiro, a filosofia em sua teoria enquanto pensamento e reflexão, e a partida em direção à prática filosófica nos debates sobre inúmeros problemas, como Deus, o mal moral, o livre-arbítrio e o tempo.

Sabe-se que a *Metafísica* perpassa os textos agostinianos, quando ele mesmo se detém na reflexão sobre aquilo que está além da nossa compreensão: Deus. Vê-se também a reflexão sobre a realidade do Ser, de quem somos, a essência do Ser, dentro das *Confissões*. Tudo isso faz menção à filosofia numa forma mais teórica, de reflexão escrita e pensada, para ir em direção à prática filosófica.

Um grande exemplo é quando na *Cidade de Deus* Agostinho constrói um diálogo não apenas escrito, mas, que de forma muito sutil desperta à prática por meio das questões levantadas, até porque a arma mais poderosa de seu tempo era a pena.

4.4. Filosofia Natural, Racional e Moral.

Nas *Confissões* vê-se o que diz Agostinho:

Ó Deus, viste finalmente que todas as coisas que tinhas criado eram “muito boas” (Gênesis 1). Também nós as vemos, e observamos que são todas muito boas. Depois de dizeres a cada uma das espécies das tuas obras que fossem criadas, e depois de elas o serem, viste que eram boas. (AGOSTINHO, 2004, p. 261)

Nas *Confissões* Agostinho discorre sobre a criação divina, aspecto fundamental para sua filosofia natural, na qual estuda a origem do homem, a sua essência, e a sua imperfeição em comparação ao seu Criador. Deus que é a fonte da vida e de toda beleza e todo bem. Tudo o

que Deus cria é bom, e se torna belo, e tudo o que é belo exala a bondade de Deus: “O mesmo se diz da beleza dos corpos, porque o corpo, que é composto de membros belos, é bem mais belo que os membros separadamente [...]” (AGOSTINHO, 2004, p. 261).

Ao refletir sobre a criação é inevitável falar do homem e das suas belezas e misérias. Decorre daqui a questão moral, em que Agostinho usa da Filosofia para falar sobre o problema do mal e do livre-arbítrio. O mal moral não é um mal que é causado de forma natural como os abalos sísmicos, e catástrofes ambientais, mas, o mal causado pela ação humana, como crimes, barbáries, assassinatos, o pecado em si, e as tendências mais interiores ao homem, de desejar o mal a alguém ou fazê-lo. Deus entra nesse debate, pois o que primeiro vem à mente é: se Deus é bom, por que o mal existe no mundo por Ele criado? Ele vê o mal acontecer e não intervém já que é Todo-Poderoso?

Agostinho argumenta com a ideia do livre-arbítrio, de que o homem é dotado de liberdade e inteligência suficientes para ser capaz de discernir fazer o bem ou o mal. As ações humanas são a causa do mal no mundo. Ao parar e analisar o mundo percebe-se a influência das ações humanas até nas catástrofes naturais, como as enchentes que podem se agravar pelo excesso de lixo nos bueiros, ou pelo aquecimento causado pelos automóveis etc. A todo tempo o homem tem que parar e refletir para não fazer o mal: “o bem que quero não faço, e o mal que não quero, acabo cometendo” (Romanos 7, 19-20). O que não significa que o homem realiza o mal apenas pelas emoções, mas, também pela razão, muitas vezes friamente calculado.

Ao observar a correlação entre fé e razão percebe-se que a razão orienta o homem (ou pelo menos deveria), a inteligência deveria guiar o homem a fazer o bem; numa perspectiva filosófica não é mais a emoção, os prazeres, os instintos que movem o homem e o seu pensamento, mas a razão através da reflexão filosófica. Para Agostinho o homem precisa refletir sobre seus atos, assim como ele fez, analisar racionalmente como agir diante disso.

Quando se dá vazão à emoção perde-se a capacidade reflexiva, racional, para agir no mundo, o que pode fazer com que o homem se afaste de Deus, porque é ela quem está a serviço da fé, da ligação com o divino, é por meio do raciocínio que se chega a Deus, à Verdade, à Sabedoria. Quando perdemos a razão, perde-se também a capacidade de chegar a Deus. Um fato que fundamenta essa perspectiva é o momento da queda no pecado original (Gênesis 1; 2;), em que pela péssima escolha em desobedecer a Deus o pecado entrou no mundo e abre um abismo entre o homem e Deus. Não foram atos impensados que deram abertura para o mal entrar no mundo, mas, foi a capacidade racional de Eva e Adão que os fez refletir e tomarem a

decisão de escolher aquilo que Deus havia ordenado que não fizessem. O mal que ali entra no mundo se torna o estudo da filosofia moral, em consonância com a filosofia racional e não excluindo a natureza, ou o estudo dela pela filosofia natural.

4.5. A Sabedoria: fonte de felicidade

O que diz Agostinho sobre Platão e a visão de Deus: “Se Platão disse ser sábio quem imita, conhece e ama tal Deus, de cuja participação depende ser feliz, que necessidade há de discutir, as outras doutrinas? Nenhuma se aproxima da nossa mais do que a doutrina de Platão”. (AGOSTINHO, 2014, p. 393). Eis a influência platônica dentro do pensamento agostiniano, a imitação e o conhecimento de Deus leva o homem a ser sábio, ou seja, se conecta àquilo que Agostinho já vem afirmando, de que o homem verdadeiramente sábio, que deseja ser reconhecido como bom filósofo é aquele que ama Deus. O que faz alusão também ao pensamento de que o que é belo, é bom e verdadeiro, e o que é bom, é belo, e reflete a beleza de quem o criou, frase que conecta ao pensamento de Agostinho de forma genuína:

Se, por conseguinte, o homem foi criado para atingir, pela excelência do ser, o Ser por excelência, quer dizer o único Deus verdadeiro, soberanamente bom, sem o qual natureza alguma subsiste, nenhuma ciência instrui e nenhum costume convém, busquem-no onde tudo é segurança, contemplem-no onde tudo é certeza, amem-no onde tudo é justiça (AGOSTINHO, 2014, p. 393).

Aqui é como se Agostinho estivesse resumindo a fonte de toda a ciência: Deus. Sem Ele não existe ciência, nem natureza, tudo vem Dele e volta para Ele, enquanto nós filósofos não entendermos isso, não entenderemos a filosofia agostiniana, em que não há Filosofia se não se ama, nem contempla a Deus, fonte e origem de tudo que é bom. A filosofia é boa? Sim, pois, ela vem de Deus.

Chegamos aqui a um ponto crucial sobre a definição de felicidade ou beatitude para Agostinho, de que a verdadeira felicidade consiste em possuir a sabedoria, pois aquele que é sábio não teme nem mesmo a morte:

A alma do sábio é perfeita: ora, ao que é perfeito nada falta. Ele se servirá de tudo o que for necessário a seu corpo, e estiver a seu alcance. E, caso contrário, a falta desses bens não conseguirá abatê-lo. Posto que a característica do sábio é ser forte, e o forte nada temer. Assim, o sábio não teme a morte corporal, nem os sofrimentos que não consegue expulsar, evitar ou retardar, com a ajuda daqueles bens, de cuja posse pode acontecer ver-se privado. (AGOSTINHO, 1998, p. 99).

A sabedoria aparece agora como condição para alcançar a felicidade. Quando nos deparamos com os problemas inerentes à vida humana vemos como é importante ter sabedoria para discernir o que realmente vale à pena, não mais os bens dessa terra, mas, aquilo que não passa e que ninguém pode tirar de nós: conhecimento, e em consequência, sabedoria. Além disso, a nossa felicidade plena está em ter Deus no interior de nossa alma e nosso ser, porque Ele próprio é a Sabedoria por excelência, e, por conseguinte, ser sábio é o segredo para ser feliz! Só pode ser verdadeiramente feliz quem busca, quem se torna sábio, aquele que possui a Deus: Portanto, sendo Deus o Sumo Bem, somente Ele é o objeto de fruição por Si mesmo, logo, de tudo o que não é Deus podemos nos utilizar – não de modo instrumental – para chegar até Deus. (BERNARDO, 2013, p. 32). E a Filosofia é uma das ferramentas que podemos usar para chegar a Deus.

4.6. A Douta Ignorância: o Deus que não podemos conhecer por inteiro.

O termo Douta Ignorância foi usado por Nicolau de Cusa (1401), inclusive o termo dá nossa à sua obra *Docta Ignorantia* (1438-1430), que segundo Constanza Kaliks (2009) numa interpretação do pensamento do autor, escreve: “A verdade absoluta não é acessível ao homem: daí advém nosso não-saber, o não-saber que sabe, a douta ignorância, que é o reconhecimento da impossibilidade de alcançar a verdade” (GUENDELMAN, 2009, p. 23). Melhor dizendo: não é possível ao homem perscrutar os pensamentos divinos, a sua origem, quem Ele é por inteiro, porque se trata aqui de algo além da nossa capacidade intelectual compreender. E além disso, o homem para adquirir o conhecimento em determinado momento deve reconhecer a sua ignorância para que algo novo seja apreendido pelo intelecto, é quase uma espécie de ceticismo intelectual ou uma abstenção de não falar de algo que não se tem conhecimento, ou reconhecer que ainda não sabe de nada, para que assim posso saber alguma coisa.

Agostinho escreve no *De Ordine*: “Este é o método dos estudos da sabedoria, pelo qual alguém se capacita a entender a ordem das coisas, isto é, a conhecer os dois mundos, e o próprio Pai do universo, do qual não há nenhum conhecimento na alma a não ser saber até que ponto o desconhece” (AGOSTINHO, 2008, p. 246). O que podemos afirmar que conhecemos de Deus é justamente que não o conhecemos. Deus como realidade além da nossa inteligência, que nos revela quem somos, mas, que dificilmente sabemos dizer quem Ele é, porque nós só o sabemos

à medida que nos relacionamos com Ele, mas, mesmo assim ainda é um conhecimento raso de quem é Deus.

Para melhor entendermos:

“Se existe então a possibilidade de se pensar o absoluto, não será por meio de uma lógica que pertence ao âmbito do finito; a relação com Deus se dará mediante a “visão intelectual” (*visio intellectualis*) que não é uma revelação que o homem recebe passivamente, mas que ele alcança através de uma atividade de seu espírito, num esforço intelectual contínuo” (GUENDELMAN, 2009, p. 23).

Trazendo essa interpretação com relação ao pensamento de Nicolau de Cusa ao contexto agostiniano, podemos perceber uma relação com aquilo que já vem sendo discutido aqui, que diz respeito ao uso das artes liberais, para que o homem se torne douto, porém, agora é necessário que se reconheça ignorante sobre as realidades divinas para que possa conhecê-las por meio de um esforço intelectual contínuo. Que é o que vem fazendo o próprio Agostinho nas *Confissões*: um homem que se debruça diante do seu passado, em vista de um futuro na eternidade com Deus, e tenta perscrutar os seus pensamentos, mas, reconhece que mesmo tendo feito todo um trabalho exegético das Escrituras, ainda sim Deus não é uma realidade que se possa conhecer simplesmente com a força da vontade, mas, pelo esforço contínuo, seja pelo estudo, a contemplação filosófica, ou pela oração, pela fé:

“Para conseguirmos alcançar isto, devemos aplicar todo o nosso esforço na prática dos bons costumes; pois, de outra maneira, o nosso Deus não nos poderá ouvir, mas, ouvirá com condescendência aos que vivem bem. Portanto, peçamos não que nos sejam dadas riquezas, ou honras, ou coisas inconstantes e efêmeras deste tipo que, por mais que durem, são passageiras, mas, que nos sejam concedidas aquelas coisas que nos façam bons e felizes” (AGOSTINHO, 2008, p. 250).

Esse mesmo Deus se encarnou, se fez homem (João 1), passou pela Terra e teve que nos deixar:

Não se deteve, mas correu, clamando com palavras, com obras, com a própria morte, com a vida, com a descida aos infernos, com a ascensão, para que tornássemos a ele: para isso havia descido, e para isso tornou a subir e desapareceu da nossa vista para que entremos no coração e aí o encontremos. Partiu, de fato, mas ei-lo aqui. Não quis estar conosco muito tempo, mas não nos abandonou (AGOSTINHO, 1997, p. 69).

Ele reconhece que Deus não nos deixa por completo, porque ainda podemos encontrá-lo dentro de nós. É constante o diálogo com Deus nas *Confissões*, é como se Agostinho agora tem intimidade com Aquele que tanto ansiava e assim pode saciar sua sede escrevendo, perguntando, rezando de forma refletida e profunda a cada frase do texto. Como a alma esposa

no Cântico dos Cânticos exclama: “Os guardas encontraram-me quando faziam sua ronda na cidade. ‘Viste por acaso aquele que meu coração ama?’ Mal passara por eles, encontrei aquele que meu coração ama. Segurei-o, e não o largarei” (Cânticos 3, 3-4).

Ele, à procura da Verdade e da Felicidade, encontra o próprio Deus, que se revelou na oração, nas Escrituras, na perfeição da Criação e também no conhecimento racional. Procurando saber quem é Deus descobre a si mesmo, como um homem que larga a vida velha e começa agora o caminho para as coisas celestes. Deus revela ao homem a sua limitação, pois não conseguimos encaixar Deus nos nossos pensamentos meramente humanos, Ele está além disso, e aquilo que o homem não consegue entender Agostinho vai ignorar, o que ele confessará com clareza é quem ele mesmo é, graças à luz divina que o iluminará: “Confessarei, pois, o que sei de mim; e confessarei também o que de mim ignoro, pois o que sei de mim, eu o reconheço graças à tua luz, e o que não sei, ignorarei, até que minhas trevas se transformem na luz do meio-dia diante de tua face” (AGOSTINHO, 1997, p. 165).

5. CONCLUSÃO

A empreitada do estudo da sabedoria nos textos agostinianos é assunto que não se esgota. Quando mergulhamos a fundo em seus textos percebemos uma busca que nos envolve por completo. É admirável observar como cada detalhe do pensamento de Agostinho nos conquista pouco a pouco.

A vida, os pecados, as limitações humanas, não o impediram de fazer filosofia com classe e pureza. Pelo contrário. Agostinho é o retrato de um pensamento puro que, longe de querer a própria glória ou reconhecimento, pretende aproximar o homem como um todo da natureza divina. Aproximar de uma forma nunca vista antes: por meio da reflexão filosófica, valendo-se das ferramentas da Gramática, Dialética e da Retórica, fazendo-nos enxergar o verdadeiro valor da linguagem e das ciências linguísticas. Abrindo nosso olhar para os diferentes signos e significados que as palavras têm, que nos remete à própria Palavra que se fez carne, dando poder às letras, à palavra, como nenhum outro doutor soube fazer.

A inquietação e a curiosidade tornaram-se os combustíveis desse estudo rumo à sabedoria. Nas Confissões, na Cidade de Deus, nos demais livros de Agostinho podemos enxergar até onde pode nos levar a inquietação filosófica, nos leva a horizontes novos que Agostinho soube explorar bem em cada letra, cada parágrafo de suas obras.

Com eloquência e graciosidade, quem entra nas veredas do pensamento agostiniano descobre também que a Música, a Geometria, os números, e os astros, se conectam a favor da máxima de que “Deus os criou”. Em Agostinho as artes, o homem, a filosofia, tudo, absolutamente tudo, aponta para a Sabedoria por excelência: Deus.

O mesmo que Agostinho chamou de Mestre é o que revela a Sabedoria ao homem e que lhe garante a vida feliz:

“[...] que a ninguém chamemos de mestre na terra, porque o único mestre de todos está nos céus (Mt 23, 9-10). Mas, o que haja nos céus no-lo ensinará aquele que interiormente nos admoesta com sinais por intermédio dos homens para que, voltando para ele no interior, sejamos instruídos” (AGOSTINHO, 2008, p. 415).

E onde estava Deus todo esse tempo? Dentro de cada um de nós. Quem nos ensinou isso? O buscador por excelência, aquele que almejava a Sabedoria e que acabou por entender que a Sabedoria por excelência não se resume somente em saber e dominar a filosofia, mas, que o verdadeiro *Studium Sapientiae* se dá à medida em que amamos a Deus, a fonte de toda a Sabedoria.

Fica evidente, portanto, que o *Studium Sapientiae* não acontece apartado das realidades eternas, mas, encontra seu fim nelas. Não é mais possível separar Deus, Filosofia e Agostinho, esses três, conversando entre si, a cada passo desse estudo, se tornaram uma só coisa: Sabedoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus (contra os pagãos) – Parte I.** Trad. Oscar Paes Leme. 2ª Edição. São Paulo: Vozes de Bolso, 2014.

AGOSTINHO, Santo. **A Vida Feliz.** Trad. Nadir de Assis Oliveira. 2ª Edição. São Paulo: Editora Paulus, 1998.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** 1ª Edição – 7ª Reimpressão. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

AGOSTINHO, Santo. **Contras os Acadêmicos; A Ordem; A Grandeza da Alma; O Mestre.** Trad. Agostinho Belmonte. 1ª Edição. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

AGOSTINHO, Santo. **Sobre a Música.** Trad. Felipe Lesage. 1ª Edição. Campinas-SP: Editora Ecclesiae, 2019.

BERNARDO, Carlos Eduardo. Santo Agostinho: A relação moral como o mundo na ordem do Frui Aut Uti. **Revista Kenesis**, Vol. V, n° 09, julho 2013, p. 26-34.

Bíblia Ave-Maria. Trad. Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). 213ª Edição. São Paulo: Editora Claretiana, 2018.

FERNANDES, Marcos Aurélio. **Curso de Filosofia Medieval.** [S. N.], Brasília, 2021 (não publicado).

FERNANDES, Marcos Aurélio. Por uma interpretação fenomenológico-hermenêutica das Confissões de Santo Agostinho – *For a Phenomenological-hermeneutical interpretation of the Confessions of Saint Augustin.* **Revista Brasileira de Filosofia da Religião**, Brasília, v. 6, n. 5, p. 53-78, jul. 2019.

GILSON, Étienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho.** Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2ª Edição. São Paulo: Discurso Editorial, Paulus, 2006.

GUENDELMAN, Constanza Kaliks. **O conceito de douta ignorância de Nicolau de Cusa em uma perspectiva pedagógica.** 2009. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LUPI, João Eduardo P. B. A cosmologia de Santo Agostinho de Hipona (*The Cosmology of Augustine of Hippo*). **Basilidade – Revista de Filosofia**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 51-84, janeiro/jun. 2021.

PAPINI, Giovanni. **A vida de Santo Agostinho.** Trad. Godofredo Rangel. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1937.